

Programar é...

Anabela Afonso (*)

Enquanto actividade profissional reconhecida a figura do programador cultural começa a surgir em Portugal, com mais destaque, em meados da década de 90 com o surgimento dos grandes equipamentos culturais, como são o caso do Centro Cultural de Belém e da Culturgest em 1993, do Museu de Serralves em 1999, e com o desenvolvimento dos grandes projectos culturais como a Europália em 1991, Lisboa Capital Europeia da Cultura em 1994 e a Expo98.

A necessidade de programar espaços ou eventos culturais começa a estender-se para o resto do país, sobretudo com a construção ou reabilitação de teatros e cine-teatros por todo o país, promovida no final da década de 90 pelo então Ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho.

Esta multiplicação de equipamentos vocacionados para a apresentação de uma programação cultural regular vem consolidar a figura do programador, canalizando para estes novos espaços muita da experiência adquirida nos grandes projectos nacionais já referidos.

Sob tutela do poder autárquico, a (re)abertura dos vários Teatro Municipais veio confrontar o poder local com o problema da ausência de equipas especializadas na programação, gestão e manutenção de espaços vocacionados para o acolhimento das artes de palco, obrigando, muitas vezes ao recrutamento de mão de obra especializada vinda de Lisboa e do Porto. Se no que respeita à produção ou à operação técnica de espectáculos, se torna indiferente o local onde se desenvolve a actividade, já o mesmo não se aplica à programação. É grande a responsabilidade do programador cultural ao assumir o papel de mediador entre a oferta cultural e artística existente e o público a quem ele opta por apresentar um determinado espectáculo e não outro. Este acto de mediação, para além de colocar nas mãos de um profissional uma escolha em nome de outros, é um acto de enorme risco, por estar sujeito a erros de leitura que podem resultar em fracassos irreparáveis.

Será seguramente ambição de qualquer programador, independentemente da sua área de trabalho (seja num teatro, museu, festival, ou em qualquer outro contexto) conseguir desenvolver um projecto artístico com identidade própria, assente numa proposta que se defina pela qualidade, diversidade e equilíbrio das opções apresentadas. Esta é uma ambição que dependerá, por um lado, de condições externas (físicas, técnicas, financeiras e humanas) mas sobretudo daquilo que o programador poderá pôr de si no projecto. Para além da necessidade de estar atento às novas correntes artísticas e ao diálogo que estas possam estabelecer com os cânones estabelecidos, será fundamental a sua atenção ao território e ao contexto local em que trabalha. Só desta forma os programadores culturais que trabalham por esse Portugal fora poderão perceber a fórmula que ainda falta descodificar nesta enorme “metamorfose cultural” a que temos assistido. Depois da proliferação dos equipamentos culturais, e da “transposição” da oferta cultural dos grandes centros para a periferia, falta encontrarmos o caminho para o percurso inverso, para que, finalmente, as salas de Lisboa e do Porto comecem a acolher entusiasticamente a produção cultural oriunda do resto do país.

Também no Algarve se começa agora a generalizar a necessidade de definição de linhas de trabalho, para os vários espaços de acolhimento que surgiram nos últimos anos. Contribuiu para isso, em grande parte, o projecto “Rede de Equipamentos Culturais – Programação Cultural em Rede” do QREN, que obrigou os municípios a articularem, entre si, estratégias de programação dos seus equipamentos culturais, por forma a conseguirem aceder à linha de financiamento entretanto aberta. Pela primeira vez, os responsáveis pela programação dos principais equipamentos culturais da região, começaram a encontrar-se de forma regular para discutir, reflectir e definir a sua oferta cultural. Com certeza que os resultados desta aproximação não se farão sentir de imediato, mas é um passo importante que importa acarinhar e estimular. Assegurando que o papel do programador cultural é também o de contribuir para o estímulo à criação artística contemporânea, promovendo o encontro de

linguagens e universos artísticos diversos, dos quais possam emergir os caminhos da afirmação cultural do seu território.

(*) Programadora. Sócia da AGECAL